

O PESO DA SABEDORIA

Fernando Margarido

Poder-se-á considerar o título deste artigo algo despropositado ou enganador, no entanto, pela importância e actualidade que o tema tem vindo a ganhar, achámos que será útil fazer a analogia entre o peso diário transportado pela maioria dos nossos alunos, nas suas mochilas, e o que isso implica na suposta obtenção do saber e do conhecimento de que os livros continuam a ser os “fiéis depositários”.

Desde os primórdios da educação formal que à escola e aos alunos estão associados os livros e toda a panóplia de materiais didáticos que lhes são inerentes, nomeadamente, cadernos de exercícios, cadernos de actividades, cadernos de fichas, etc., etc..

Apesar de toda a autonomia pedagógica atribuída às escolas e aos professores e de toda a evolução que as práticas pedagógicas e os materiais didáticos registam, as exigências que o sistema educativo impõe, levam a que esta associação do saber e do conhecimento aos

manuais escolares continue a prevalecer para pais, professores e alunos.

Metodologias de ensino e aprendizagem continuam a pôr nos livros um peso excessivo, que, quase obrigatoriamente, deve ser transposto para o corpo dos alunos, como se a proximidade e o companheirismo entre ambos fosse sinónimo de aprendizagem, sabedoria e sucesso escolar.

“Sem os manuais escolares, os alunos não se lembram mais do estudo desde que saem da escola até que entram, de novo, no dia seguinte”, reclamam uns; “Sem os livros, por onde é que os professores ensinam e os alunos estudam?” argumentam outros.

Bem, teremos de dar razão a uns e a outros, contudo, é necessário e urgente tirar o peso das costas dos nossos alunos, sob pena de os tornarmos adultos com algum conhecimento, mas com graves problemas físicos ao nível da postura corporal, da deformação de articulações e

do aparelho locomotor.

É do conhecimento geral que a educação e a formação dos nossos alunos é da responsabilidade de pais, professores, alunos e sociedade. Por tal facto, também a todos compete contribuir para a resolução do problema da sobrecarga que muitos alunos carregam, diariamente, no caminho casa-escola, escola-casa.

A contribuição dos pais na escola não deve quedar-se pela conversa com o professor quando algo não está bem com o filho, ou quando no final do semestre ou do ano letivo vêm receber as avaliações. A eles compete, também, acompanhar os seus filhos em casa e aconselhá-los na organização da sua vida escolar levando a que saibam analisar o seu horário escolar e decidir sobre o que levar e não levar, em cada dia, para a escola. Aos poucos, tornar-se-ão autónomos e capazes de proceder à organização das suas mochilas, levando para a escola apenas os materiais necessários para as disciplinas daquele dia. Isto irá repercutir-se noutros aspectos da vida e os alunos, através de uma actividade aparentemente simples como é o caso dos cuidados a ter com as mochilas, vão adquirir métodos de análise, tomada de decisão e de resolução dos problemas.

Aos professores compete, para além do ensino de conteúdos didáticos, ensinar métodos e técnicas de estudo e regras de organização do tempo e do espaço, de forma a que os alunos não sejam, eternamente, dependentes dos manuais escolares e respectivos apêndices; para além, claro, de saberem dosear, adequadamente, a quantidade de TPC (Trabalhos Para Casa) que dão aos seus alunos, obrigando-os

a transportar todos os materiais didáticos, livros incluídos, claro, em mochilas que mais os fazem parecer tartarugas de “casa” às costas. Para além disso, os professores podem, ainda e apesar das restrições, usar os recursos disponíveis para dar aos seus alunos a oportunidade de estudar e de fazer os TPC nas várias plataformas digitais disponíveis.

Aos alunos, por sua vez, e como primeiros interessados, compete trazerem a sua mochila limpa e arrumada e não a transformarem no depósito de tudo o que é e não é importante e necessário para o seu trabalho dentro e fora da escola.

E, por fim, as instâncias socio-educativas oficiais não devem eximir-se das suas obrigações, contribuindo, de forma progressiva, para dotarem as nossas escolas de condições logísticas e de equipamentos, bem como desenhar programas de formação adequada, dirigidos aos professores, para que estes fiquem a conhecer as várias soluções digitais que podem usar, com vantagem no ensino dos seus alunos. A criação de um ambiente educativo virtual irá permitir a alunos e professores desempenharem as suas tarefas, fazendo uso de recursos digitais e multimédia, muito menos sobrecarregadores de mochilas e, talvez, mais motivadores e interessantes para todos.

Acreditamos que, assim, o peso das mochilas seria reduzido e o peso da aprendizagem a saber ser, saber estar e saber estudar seria muito maior, mas com menos influência no sistema físico e mais na verdadeira sabedoria.